



Heteronímia em Guimarães Rosa

*“É precisaria cada um, para simultaneidades no sentir
e pensar, de vários cérebros e corações. Quem sabe, temos?”
(João Guimarães Rosa, Tutaméia – Terceiras Estórias).*

João Guimarães Rosa: famoso prosador brasileiro, a quem se tributa a inovação da língua portuguesa do Brasil na ficção, aquele que assina assim mesmo todos os seus livros publicados. Corresponde a esse nome uma personalidade literária nítida, bem como um cidadão reconhecido na carreira diplomática e na vida social. Haveria outros? Outras personalidades, mesmo que embrionárias, outras vozes recalcadas, querendo-se fazer ouvir e não encontrando ressonância? Este sujeito do discurso narrativo, aparentemente tão coeso, tão unitário, como teria escapado à maldição da modernidade que faz do escritor um estilhaçado (1)?

I Leyla Perrone-Moisés, *Fernando Pessoa – Aquém do Eu, Além do Outro*, São Paulo, Martins Fontes, 1982, a quem devo a epígrafe.

**WALNICE
NOGUEIRA
GALVÃO**

é professora de Teoria Literária da USP e autora, entre outros, de *Mitologia Rosiana* (Ática).

Desde 1929 Guimarães Rosa publicava narrativas em periódicos. Mas escreveu também um livro de poemas, intitulado *Magma*, até hoje inédito, que submeteu ao Concurso de Poesia da Academia Brasileira de Letras, em 1936, tendo recebido então o prêmio devido ao primeiro colocado (2). Embora premiado, e portanto contando com o aval crítico do júri, nunca quis fazer de *Magma* um livro publicado.

Enquanto *Magma* foi levado a concurso sem camuflagem, assinado por João Guimarães Rosa, já outra foi a apresentação a julgamento de seu primeiro livro de prosa, com que disputou o prêmio Humberto de Campos, oferecido pela Livraria José Olympio em 1938. O pseudônimo Viator (o viandante) assinava o volume intitulado *Contos*, derrotado na competição.

Não é tanto de admirar o uso de pseudônimo, que alguns concursos literários exigem, mas o seqüestro (no sentido marioandrado) subsequente do autor. Graciliano Ramos, membro do júri, relata, quando da publicação, oito anos depois, em 1946, daqueles *Contos* ora metamorfoseados em *Sagarana*, os esforços baldados para identificar Viator, que por pouco não ganhara o prêmio (3). O próprio promotor do prêmio, José Olympio, intentava editá-lo. E Marques Rebelo, jurado que votara em Viator, anota em seu diário ficcional, *O Espelho Partido*, devidamente à clé e com a peçonha que o tornou notório, um encontro que teve com “Magalhães Braga”, em que foi tratado com a condescendência que merece um modesto confrade ao reconhecer um gênio.

De um título como *Contos*, até um outro como *Sagarana*, a distância é vasta, e não só se levamos em conta os oito anos de reelaboração, o reescrever porfiado e a seleção que eliminou muita coisa. O título *Contos* é indiscriminado, rotulara e tem rotulado desde então inúmeros livros. Mas *Sagarana* mostra um escritor confiante, dono de seus recursos, inventando uma palavra original já dentro de um “estilo Guimarães Rosa” (do vocábulo português de origem germânica *saga* mais o sufixo tupi *rana*, “à maneira de”, o que parece).

Enquanto isso, que foi feito do poeta, autor de *Magma*, sempre inédito? Aquele que, quando pela primeira vez escreveu um livro completo, o fez de poesia? A publicação de *Sagarana* consagra de vez o prosador junto à crítica e ao público: ganha o prêmio da Sociedade Felipe d’Oliveira, tira e esgota duas edições num só ano. O olhar do Outro é reconhecimento e fixação de uma personalidade literária, *enquanto prosador*.

Dez anos decorrem entre a publicação de *Sagarana* e a de *Corpo de Baile* mais *Grande Sertão: Veredas* num mesmo ano (1956). A proeza não é de somenos: são algumas centenas de páginas de fabulação romanesca riquíssima e de alta invenção de linguagem. Do que custou esse feito, há algumas pistas em anotações do escritor no caderno do “Diário de Paris”, da época, recentemente estudado (4). Dessa fase de preparação, onde tudo converge para a necessidade de escrever, diz Guimarães Rosa que “minha angústia básica é a ânsia de onisciência” e que assim, anotando no diário, “tento evitar os recifes da incessante tempestade de minha vida interior”, bem como “um tormento acaparador, de ambicioso, de insaciável”. Uma carta do mesmo período dá contas de sua turbulenta condição psíquica ao criar: “[...] Eu ando febril, repleto, com três livros prontos na cabeça, um enxame de personagens a pedirem pouco em papel. Estou apontando o lápis, para começar a tarefa. É coisa dura, e já me assusto, antes de pôr o pé no caminho penoso, que já conheço” (5).

O imperativo do escrever, apesar das vascas de agonia que traz, ainda assim é menos daninho do que deixar de escrever, quando nesse estado: se o livro não for escrito “fica coagulado na gente, como um trombo na veia, pior que um complexo” (6).

Impelido por essas suas dores, a de escrever e a de não escrever, Guimarães Rosa vai ainda, em vida, publicar mais dois livros: *Primeiras Estórias* (1962) e *Tutaméia – Terceiras Estórias* (1967), ambos de contos. Continua, portanto, um prosador.

Logo após sua morte, em 1967, a Livraria José Olympio Editor prepara e publica um volume de homenagem, intitulado *Em*

2 “Parecer da Comissão Julgadora, Redigido por Guilherme de Almeida”, in *Em Memória de João Guimarães Rosa*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1968.

3 Ver Graciliano Ramos, “Conversa de Bastidores”, crônica de revista reproduzida em *Em Memória...*, op. cit.

4 Cecília de Lara, “Diário de Paris”, in *Travessia*, nº 18, Florianópolis, UFSC, 1988.

5 Idem, *ibidem*.

6 Idem, *ibidem*.

Memória de João Guimarães Rosa (1968), reunindo estudos, inéditos, discursos fac-símiles de traduções, pareceres, manuscritos, e mais uma bibliografia organizada por Plínio Doyle. Esta inclui informações interessantes sobre poemas (melhor diríamos, poetas) do prosador.

Conforme relata o autor da bibliografia, seguira uma pista de Manuel Bandeira, na sua *Antologia de Poetas Brasileiros Bissextos Contemporâneos* (2ª ed., s/d, Organização Simões). Ali, Guimarães Rosa fora representado por seis poemas, assinados pelo pseudônimo anagramático Soares Guiamar.

A partir daí, Plínio Doyle volta ao jornal *O Globo* do ano de 1961, onde aqueles poemas tinham sido publicados, e desencava mais doze e dois outros pseudônimos, igualmente anagramáticos. Atenção: surgem, ao todo, três novos poetas, no jogo de esconde-esconde típico do anagrama, enquanto o prosador prossegue ostentando seu nome, que a essa altura já era UM NOME.

Os três aparecem em quatro matérias que Guimarães Rosa escreveu e assinou para *O Globo* durante o ano de 1961: “Coisas de Poesia” (25/2/61), “Outras Coisas de Poesia” (1/4/61), “Novas Coisas de Poesia” (20/5/61) e “Sempre Coisas de Poesia” (22/7/61), segundo a informação de Plínio Doyle. A grande maioria das outras matérias dessa colaboração regularmente semanal naquele periódico, de 7/1/61 a 21/8/61, vai para o livro *Primeiras Estórias* e um resto para *Tutaméia* ou até para *Ave, Palavra*.

Os pseudônimos são, além de Soares Guiamar, Meuriss Aragão (ambos anagramas de Guimarães Rosa) e Sá Araújo Ségrim (anagrama de J. Guimarães Rosa), todos coerentes no somar nomes conhecidos a outros inventados.

Plínio Doyle menciona ainda mais quatro poemas (“Sextilhas”, “Em um Álbum”, “O Burro e o Boi no Presépio” e “Poemas de Natal”), indicando as respectivas fontes, que não *O Globo*.

Antes de morrer, Guimarães Rosa estava preparando para publicação mais dois

livros, que sairiam postumamente. São eles *Estas Estórias* (1969) e *Ave, Palavra* (1970). O primeiro é um volume de contos, a exemplo de *Primeiras Estórias* e *Tutaméia*, nos quais, mesmo descontando os quatro prefácios deste último, temos um conjunto *de contos*. Mas o segundo é uma miscelânea de vários tipos de texto, na qual o que menos há são contos propriamente ditos, reunindo matérias publicadas na imprensa de 1947 a 1967. É o único livro de Guimarães Rosa com essa natureza e é nele que, também pela única vez, o próprio autor confia ao livro impresso muitos de seus poemas.

• • •

Em *Ave, Palavra* vão aparecer, e até com relativa fartura, aqueles poetas cujo esquivo perfil vínhamos perseguindo. Cada um deles tem uma pequena explicação, devidamente obscura, a seu respeito, num intróito mínimo que precede a publicação dos vários blocos. Nem de longe têm a personalidade própria e a detida complexidade que Fernando Pessoa deu a seus heterônimos, os quais até horóscopo vieram a ter. Mas a sombra desse poeta pode ser divisada a distância, sendo ele uma *cause célèbre* que nenhum letrado brasileiro ou português ignora. Entretanto, deve-se dar atenção à tradição literária divergente entre os dois países: os brasileiros têm-se mostrado bem menos inclinados ao uso de pseudônimos que os portugueses (7).

Ei-los aqui, finalmente, neste último livro, não três mas *quatro* poetas anagramáticos, acrescidos que foram de mais um, por nome Romaguari Sães, anagrama, como os dois primeiros, de Guimarães Rosa, e não de J. Guimarães Rosa, como o terceiro. Os poemas são publicados em blocos, que descrevemos a seguir.

De Soares Guiamar, temos nove poemas (“Ou... Ou”, “Pescaria”, “Teorema”, “Parlenda”, “Alongo-me”, “O Alop rado” (8), “Os Três Burricos”, “Motivo”, “Adamubies?”), sob o título geral de “Às Coisas de Poesia”. As duas datas ao pé da página, 25 de fevereiro de 1961 e 1º de abril

7 Almir de Campos Bruneti, “Um Agostinho da Silva, uns Fernando Pessoa”, comunicação apresentada ao Congresso Internacional Fernando Pessoa, São Paulo, USP, 1988.

8 No segundo prefácio de *Tutaméia*, “Hipotrérico”, Guimarães Rosa chama a atenção para esse palavra, dizendo-a “esplêndida”, como se nunca a houvesse empregado.

de 1961, após o nome do jornal, mostram que se trata de duas matérias ora reunidas numa só, ambas com poemas de Soares Guiamar, respectivamente intituladas quando n' *O Globo* “Coisas de Poesia” e “Outras Coisas de Poesia”. Aqui se origina uma possível confusão, visto que, por engano, Paulo Rónai, na “Nota Introdutória” a *Ave, Palavra*, ao esclarecer que acrescentara alguns inéditos por sua própria conta ao corpus estabelecido pelo autor, coloca entre eles “Coisas de Poesia”. Ademais, provavelmente por erro gráfico, a numeração feita por Plínio Doyle atribui o poema número 13, “A Ausente Perfeita”, tanto a Soares Guiamar quanto a Meuriss Aragão, enquanto o autor é este último.

De Meuriss Aragão, cinco poemas (“Mulher Mar Morte”, “Saudade, Sempre”, “Saudade Sempre (Versão Aflita)”, “A Ausente Perfeita”, “A Espantada Estória”), sob o título geral de “Novas Coisas de Poesia”, tendo ao pé da página a indicação do jornal e a data de 20 de maio de 1961. São os mesmos da lista de Plínio Doyle; apenas, “A Espantosa Estória” da lista passou a “A Espantada Estória” no livro.

De Sá Araújo Ségrim, um total de oito poemas, divididos em dois blocos, cada um com quatro poemas (“Distância”, “Recapítulo”, “Contratema”, “Rota” no primeiro, e “Ária”, “Querência”, “Escólio”, “Torneamento”, no segundo). O primeiro bloco tem o título geral de “Novas Coisas de Poesia”, indicando ao pé da página o jornal e a data de 20 de maio de 1961. O segundo se intitula “Quando Coisas de Poesia” e traz a indicação *Inédito*.

De Romaguari Sães, também indicado ao pé da página como inédito pelo autor, quatro poemas (“Marjolininha”, “Cândida”, “Presença e Perfil da Moça de Chapéuzinho Cônico” e “Marjolininha 9ª”). O título geral é “Ainda Coisas de Poesia”.

O livro, portanto, enriquece a obra poética dos poetas anagramáticos não só de mais um pseudônimo, este último inédito, mas também de mais oito poemas igualmente inéditos. Todavia, uma indagação persiste: terá Guimarães Rosa escrito os dois conjuntos de poemas que dá como inéditos,

“Quando Coisas de Poesia” de Sá Araújo Ségrim e “Ainda Coisas de Poesia” de Romaguari Sães, à época dos demais, por algum motivo não os publicando? Ou os criou expressamente para *Ave, Palavra*?

Quanto aos poetas, os intróitos fornecem sucintas notas biográficas que entretêm entre si um elegante jogo de máscaras. Talvez o mais velho seja Soares Guiamar, pois aparece primeiro, cronologicamente; já se retirou, dele mais versos não são disponibilíveis, e “agora pára longe, certo à beira do Riachinho Sirimim”; é mais ou menos mestre de Sá Araújo Ségrim; e é, ou queria ser, autor do livro *Anagramas*. Deixa duas frases do tipo lapidar, sobre o poeta e a poesia. É qualificado como “despercebido, impresso, inédito, fora-de-moda”.

Pela ordem, Meuriss Aragão é o segundo a aparecer. “Outro poeta de bolso”, é “jovem, sem jeito, em sua primeira fase, possivelmente extinta”. Sá Araújo Ségrim, o seguinte, “sofre só e sozinho ver-seja”. Também tem livro pronto, ou quase, intitulado *Segredeiro*; é dele que se diz ser “se bem talvez um tanto discípulo de Soares Guiamar, sob leves aspectos”; merece segunda matéria, com novos poemas escolhidos pelo biógrafo, que deles diz: “Sendo coisas mui sentidas. Sendo o que ele não sabe da vida”. O último, Romaguari Sães, o “embevecido”, é um “escondedor de poemas”. Tido por “um tanto diferente”, com respeito ao grupo: “Tem outra música. Tem um amor mais leve, originário, avançado”. Também deita falação sobre poesia, em “entrevista” da qual uma única frase é transcrita.

• • •

Os cinco intróitos que apresentam os quatro poetas são devidamente assinados por João Guimarães Rosa, que utiliza ou o impessoal ou a primeira pessoa, esta às vezes singular, às vezes plural, dirigindo-se ao interlocutor *leitores*. Destes, quer-se captar a benevolência, engajar diálogo, com frases à guisa de arremate (salvo o primeiro): “Vejam, se serve”; “Será que conosco concordam?”; “Leiam-no, po-





rém”; “Aprovam-no?”.

Entretanto, não cessam aí as intrincadas relações entre o prosador e seus poetas. Em todos os livros, talvez apenas fazendo exceção *Primeiras Estórias*, é alta a intertextualidade com poemas, quadrinhas sertanejas, versos avulsos, ditados rimados ou não. “A Canção de Siruiz” e “Olererê, Baiana”, esta última hino do bando de Riobaldo, além de emblematizarem feixes de significações do enredo, surgem e ressurtem no texto do *Grande Sertão: Veredas*. Em *Corpo de Baile*, três das sete “novelas” (cf. 1ª ed.) trazem epígrafes poéticas, “Cara-de-Bronze” tem um cantador violeiro que a todo momento contribui com quadrinhas, “O Recado do Morro” também pode ser analisado como a crônica da composição de uma canção. E na festa de Manuelzão (“Uma Estória de Amor Muito se Canta”). Em *Sagarana*, todos os contos têm epígrafes, às vezes longas, às vezes mais de uma, sempre na maneira folclórica. Em *Tutaméia*, o uso da epígrafe não é tão sistemático: alguns contos a trazem, outros não. Às vezes ela se desloca para o fecho do conto, após o ponto final, quando o autor a chama, neologística e corretamen-

te, de “hipógrafe” (v. o conto “Vida Ensinada”). Já *Estas Estórias*, como a epígrafe geral de *Corpo de Baile*, pode trazer citações eruditas, entremeadas às outras. Mas só *Ave, Palavra* concede autonomia ao texto poético. Além dos quatro poetas anagramáticos, figuram ali vários poemas independentes; num deles, “Grande Louvação Pastoril”, personagem secundária e cantor da louvação é um “Dr. João Rosa”.

De modo geral, o jogo da intertextualidade prefere citações que oscilam entre a criação pessoal e o folclórico, despiando esforçadamente as tentativas de classificação. A criação pessoal mimetiza amiúde o folclore, só em poucos casos extremos podendo-se discriminar uma de outro. Somos remetidos aos papéis do autor, constantes de seu arquivo (9), onde páginas e mais páginas estão cobertas de anotações de quadrinhas, versos, poemas, ditados, objeto de um registro incessante e inumerável. Ainda assim, a diferença não é clara entre os recolhidos e os inventados. Sempre que Guimarães Rosa apartava uma quadrinha, ou uma palavra, ou uma locução, ou uma frase para empregá-la em seus textos, precedia-a de seu signo pessoal “m%”, que se encontra aos milhares nos materiais do arquivo. Mas esse signo designa apenas apropriação, deixando de esclarecer se o registro se refere a uma invenção do autor, a um documento ouvido ou lido, ou ainda à modificação de um documento.

O despistamento é visível nos livros publicados: as “citações” são reportadas a fontes e autores dos quais não se sabe com segurança se são ou não malabarismos do escritor. A epígrafe de “O Recado do Morro” é sintomática: à quadrinha popular se segue a indicação, devidamente entre parênteses, de “*Contracção*. Peça Pseudofolclórica”.

Correndo o risco da colaboração, já apontada pela crítica como responsável pela multiplicação dos heterônimos de Fernando Pessoa (10), dos quais surgiu mais um que o poeta não incluía entre eles – Bernardo Soares –, avanço aqui, com cautela, a sugestão de mais um também para João Gui-

9 No Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

10 Almir de Campos Bruneti, op. cit.

11 R. Jakobson, “Os Oxímoros Dialéticos de Fernando Pessoa”, in *Linguística Poética. Cinema*, São Paulo, Perspectiva, 1970.

marães Rosa. No caso de Bernardo Soares, é bom lembrar que até seu nome é compatível com os demais, se levarmos em conta a análise fonética que Jákobson fez para os outros sem ter conhecimento de que este surgiria mais tarde (11).

Pois João Barandão é o mais ubíquo dos poetas do prosador. Estréia triplamente em “Cara-de-Bronze”, de *Corpo de Baile*, sempre com citações “das *Cantigas de Serão*, de João Barandão”. Na primeira vez, figura com uma sextilha na terceira epígrafe. Na segunda vez, uma nota de rodapé traz uma quadrinha, à qual se acrescenta um comentário sobre variantes, atribuído nada menos que a Soares Guiamar, o mais antigo dos poetas anagramáticos. Na terceira vez, outra nota de rodapé transcreve quadra e meia, agora glosada pelo eruditíssimo Oslino Mar (!).

Duas vezes estas cantigas e seu autor serão mencionados em *Tutaméia*. Uma vez, com três versos, em “Barra da Vaca”; e outra, no corpo do texto de “Melim-Meloso”, onde uma quadrinha sobre esta extraordinária personagem lhe é atribuída, acrescentando o autor, “tão apócrifas”.

Em *Estas Estórias*, onde é republicado “Com o vaqueiro Mariano” lá estão o mesmo tropeiro e a mesma fonte na epígrafe à terceira parte do texto.

...

Em suma: dentre os pseudônimos aqui examinados – e não é fora de cogitação que possam aparecer outros –, Viator desapareceu logo que suplantando pelo igualmente prosador João Guimarães Rosa. Mas Soares Guiamar, Meuriss Aragão, Sá Araújo Ségrim, Romaguari Sães, João Barandão são personas de poetas envergonhados, embriões em clamor por reconhecimento, no negaceio de máscaras e disfarces em que se entremostam, ocultando-se e se desvelando. No fundo do cidadão bem-sucedido, do narrador aclamado, haveria um(uns) poeta(s) irrealizado(s), entre os quais se inclui o autor inédito de um livro de poemas, por título *Magma*, que nunca publicou. “Quem sabe, temos?”.

